HISTÓRIA CURTA, MEMÓRIA LONGA[1]: REPRESENTAÇÕES DA PROTAGONISTA NEGRA EM TRÊS ROMANCES HISTÓRICOS HISPANO-AMERICANOS

Liliam Ramos da Silva *

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo destacar a figura da mulher negra como personagem literária no romance histórico hispano-americano e recontar sua(s) história(s) de escravidão a partir de seu lugar de enunciação. As obras analisadas, romances históricos escritos por mulheres cujas protagonistas são negras, foram escolhidas por sua capacidade de representação regional nas Américas: *La isla bajo el mar*, de Isabel Allende (2009, Caribe), *Las esclavas del rincón*, de Susana Cabrera (2001, região platina) e *Jonatás y Manuela*, de Luz Argentina Chiriboga (1994, pacífico andino). A reflexão utiliza a teoria de Gérard Bouchard (2009) sobre a construção de uma memória longa para as comunidades americanas que possuem uma história recente e propõe que as escritoras, ao retraçarem o percurso da mulher negra que erige sua memória a partir dos rastros, atuam na emergência das marcas, dos vestígios culturais afrodescendentes, preenchendo, dessa forma, os vazios da História oficial. Sua atuação como mediadoras culturais resultará em uma produção literária transculturada responsável pela ressignificação das histórias da escravidão.

Palavras-chave: Romance histórico afrohispanoamericano. Protagonistas negras. Vestígios memoriais. Isabel Allende. Susana Cabrera. Luz Argentina Chiriboga.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo destacar la figura de la mujer negra como personaje literario en la novela histórica hispanoamericana y de recontar su(s) historia(s) de esclavitud desde su lugar de enunciación. Las obras analizadas, novelas históricas escritas por mujeres cuyas protagonistas son negras, se eligieron por su capacidad de representación regional en las Américas: en *La isla bajo el mar*, de Isabel Allende (2009, Caribe), *Las esclavas del rincón*, de Susana Cabrera (2001, región platina) y *Jonatás y Manuela*, de Luz Argentina Chiriboga (1994, pacífico andino). La reflexión utiliza la teoría de Gérard Bouchard (2009) sobre la construcción de una memoria larga para las comunidades americanas que poseen una historia reciente y propone que las escritoras, al retrazar el recorrido de la mujer negra que erige su memoria a partir de los rastros, actúan en la emergencia de las huellas, de los vestígios culturales afrodescendientes, rellenando, de esta forma, los vacíos de la Historia oficial. Su actuación como mediadoras culturales resultará en una producción literaria transculturada responsable por la resignificación de las historias de la esclavitud.

Palabras-clave: Novela histórica afrohispanoamericana. Protagonistas negras. Vestígios memoriales. Isabel Allende. Susana Cabrera. Luz Argentina Chiriboga.

* Profa. Dra. Liliam Ramos da Silva (UFRGS) - Professora de literatura hispano-americana no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenadora do projeto **Vozes negras no romance hispano-americano**. E-mail: liliam.ramos@ufrgs.br

[1] Termo utilizado pelo pesquisador canadense Gérard Bouchard ao se referir sobre a memória longa das nações americanas no texto *Jogos e nós de memória: a invenção da memória longa nas nações do Novo Mundo*, 2009.

Abuelito
Gramillero
díselo, díselo tú
a este muchacho americano
como era el Bantú

(**Virginia Brindis de Salas**, 1908-1958)

Preliminares

As décadas finais do século XX foram frutíferas no avanço dos estudos da cultura afrodescendente nas Américas e é notório que este é um campo que tende a aumentar cada vez mais devido ao crescente número de publicações, congressos, simpósios, encontros, etc. dedicados à leitura e discusão de obras literárias cujo contexto resgata a(s) história(s) da escravidão no continente e a(s) transforma(m) em motivo de luta contra a opressão, a discriminação e o racismo que, infelizmente, ocorrem até os dias de hoje. Além do tema da cor da pele, a presença da mulher negra nesse contexto também é discutida.

Para melhor compreensão das teorias utilizadas nesta pesquisa, é importante esclarecer algumas propostas. Começaremos pela definição do objeto de estudo. Quando nos referimos à literatura negra ou literatura afrodescendente, seguimos as premissas do grupo de pesquisa **Hibridação Literária nas Américas**, que propõe, segundo Bernd (2013), uma articulação entre textos dada por uma maneira negra de ver e de sentir o mundo, transmitido por um discurso caracterizado pelo desejo de resgatar uma memória negra esquecida, o que pode ocorrer por meio do nível de escolha lexical, dos símbolos utilizados ou da construção do imaginário. A/O negra/o aparece como sujeito de enunciação, como o porta-voz da comunidade a qual pertence, independentemente da cor da pele dos escritores. Termos como afroamericano, afrodescendente (com as regionalidades/nacionalidades incorporadas como afrocaribenho, afrouruguaio, etc.), além do próprio *negro* serão empregados na tentativa de dar conta deste sujeito silenciado que consegue ultrapassar os limites impostos pelos colonizadores e deixar suas marcas na cultura americana em geral.

Esta pesquisa toma como *corpus* de análise três narrativas históricas cujas protagonistas são mulheres negras no contexto da escravidão colonial hispano-americana. Existem registros históricos sobre duas dessas mulheres, e a terceira é uma construção ficcional dentro de um contexto real de escravidão e revolta popular. As obras foram escolhidas por sua capacidade de representação regional

nas Américas: *La isla bajo el mar* (2009), de Isabel Allende[2], contará a história da vida de escravizada de Zarité Sedella, personagem fictício, durante a revolução dos escravizados no Haiti (1791-1804), assim como sua transferência a Nova Orleans juntamente com seu dono após a expulsão dos franceses da ilha[3]. A segunda obra analisada é *Las esclavas del rincón* (2001), da uruguaia Susana Cabrera, que narra a história de uma condenação à forca de duas escravizadas, Petrona Encarnación e María Mariquita, por um crime aterrador na região do Rio da Prata: o assassinato brutal de sua ama, a espanhola Celedonia Wich de Salvañach, em 02 de junho de 1821, quando o Uruguai ainda fazia parte do Império do Brasil e localizava-se na região da Província Cisplatina. Por fim, representando a região do Pacífico Andino, apresentamos *Jonatás y Manuela* (1994) da equatoriana Luz Argentina Chiriboga, descrevendo, nessa obra, com sensibilidade e dignidade a vida de Jonatás/Nasakó Zansi, a escravizada que seria a companheira de vida de Manuela Saénz, amante do Libertador das Américas, Simón Bolívar.

Teté, Mariquita e Jonatás são mulheres negras que, silenciadas e invisibilizadas durante a época colonial, relatam e têm relatadas suas histórias nas ficções pesquisadas. Elas reivindicam o ingresso do sujeito feminino na construção do imaginário nacional dos países mencionados nas narrativas por meio do resgate das memórias de mulheres escravizadas. Para Alves (2014), o impacto das memórias – traumáticas – da diáspora e do tráfico tendem a ocupar, com frequência, posição central na construção identitária recorrente nas literaturas afroamericanas; no entanto, não se deve esquecer o valor cognitivo da memória, que não pode ser considerada apenas como recordação, mas como produção de conhecimento. Para tanto, serão analisadas as estratégias utilizadas por/para as protagonistas ao construir uma *memória longa* (Gérard Bouchard) com base na recuperação dos rastros oriundos da cultura africana e ressignificados nas memórias múltiplas em circulação no contexto transculturado do continente.

1 As marcas transculturais formadoras da memória afrohispanoamericana

[2] *A ilha sob o mar* (2011) em tradução brasileira. Das três obras analisadas, é a única que possui tradução no Brasil.

[3] Para além do elemento de origem geográfica (ser ou não ser caribenho/a) e do elemento étnico (ser ou não ser negro/a), Allende constrói uma protagonista fictícia dentro do contexto histórico da escravidão e das fragilidades de ser mulher e negra nesse contexto. Não é pretensão da pesquisa classificar Isabel Allende como uma escritora caribenha ou afro-caribenha. A escolha da obra segue objetivo da pesquisa: analisar como as escritoras contemporâneas desenvolvem o protagonismo da mulher negra no romance histórico.

Bernd (2011, p. 10) aponta que a investigação sobre a ficção de romances dos anos finais do século XX e começo do século XXI "é o lugar privilegiado de memória coletiva, permitindo a decodificação das escolhas que as comunidades novas das Américas fizeram e fazem com relação a suas ancestralidades". Para a pesquisadora, o contexto cultural híbrido das Américas originou literaturas marcadas por mobilidades que ultrapassam fronteiras nacionais gerando, dessa forma, novos discursos transculturados, marcados por entrelaçamentos de vestígios culturais. A formação de uma literatura afrohispanoamericana[4], portanto, apresentará temáticas afins como a importância da ancestralidade, a diáspora africana (e seus traumas como as capturas e a viagem no navio negreiro), a adaptação a um continente completamente estranho, a saudade da terra deixada para trás e os resgates culturais como formas de sobrevivência neste novo espaço formador de identidades híbridas em processo de transculturação.

Bouchard (2009), refletindo sobre a representação do passado na memória longa das novas nações colonizadas a partir do século XVI, pergunta-se: é possível construir uma memória longa a partir de uma história curta? Em princípio, haveria três formas de fazê-lo: a primeira seria resgatar a memória europeia, excluindo o autóctone (por um lado, essa orientação possibilita à nova coletividade uma grande segurança cultural, porém, estaria destinada à imitação e à dependência cultural e econômica); a segunda, romper com a metrópole, renunciar as origens europeias e aceitar a memória longa autóctone (o autor cita como exemplo os mexicanos que promoveram o passado asteca, especialmente após a Revolução Mexicana, a fim de consolidar a unidade nacional); e, por fim, uma última estratégia seria renunciar às memórias europeia e autóctone, criando, dessa forma, uma memória nova, como fizeram os Estados Unidos que, ao direcionar o olhar crítico a um velho mundo esclerosado que se deixava dominar pelos privilégios, pela intolerância e pela corrupção, desenvolveram uma grande confiança coletiva para fundamentar simbolicamente sua memória em algo próximo, a uma utopia projetada no futuro.

No entanto, nos perguntamos: como reconstruir uma memória longa cujo passado é usurpado e o presente e o futuro não trazem nenhuma utopia, nenhuma perspectiva de avanço social e econômico para uma comunidade? A memória do período de escravidão é, certamente, um grande exemplo de ambivalência na busca de uma reconstrução memorial, pois as comunidades afrodescendentes

[4] A opção pela escrita do termo *afrolatinoamericano*, sem hífens, refere-se à tomada de posição epistemológica de pesquisadores que querem pensar em trânsitos e intercâmbios em fronteiras porosas, conforme coletânea *Afrolatinoamérica. Estudos Comparados* (2016).

buscarão, na memória longa (emprestada) da mãe África as marcas perdidas na travessia. É importante destacar que uma particularidade da diáspora africana nas Américas foi a *proibição da lembrança* antes mesmo da saída do continente. Segundo Queiroz (2012), por determinação do tráfico negreiro, antes do embarque dos escravizados, esses deveriam passar por um ritual simbólico de esquecimento: no Benin, país do oeste da África, havia a árvore do esquecimento, e os capturados eram obrigados a dar voltas nela – os homens, nove; as mulheres, sete (LOPES, 2004, p. 76). O objetivo do ritual era a representação do esquecimento do seu passado na África, apagando da memória sua ancestralidade e, por consequencia, sua identidade. Dessa forma, os escravizados se sujeitariam e se adaptariam pacificamente à vida servil em seus respectivos destinos. Além disso, de acordo com algumas interpretações, o ritual seria uma defesa dos traficantes africanos contra possíveis bruxarias e feitiços que poderiam voltar-se contra eles.

Independentemente de um motivo único de utilização de uma árvore que fizesse com que os indivíduos se esquecessem de seu passado, chama a atenção a simbologia do ritual e, além disso, interessa o tema da memória nas comunidades africanas e a representação que passa a ter na cultura afrohispanoamericana, pois tal produção cultural levará os traços de uma memória esquecida em parte, pois nem os africanos conseguiram trazer uma memória integral da África nem os traficantes conseguiram fazer com que eles esquecessem de tudo por completo. Esses traços, vestígios e marcas, nas Américas, misturariam-se aos traços memoriais dos indígenas e dos europeus, fazendo com que surgisse uma cultura completamente nova, conceitualizada no vocábulo da transculturação cunhado pelo cubano Fernando Ortiz, em 1940, em seu texto *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*. Referimo-nos, portanto, a um processo mnemônico traumático especialmente para as mulheres africanas e afrodescendentes que sofreram abusos físicos e psicológicos, que tardaram séculos para conseguir externalizar seus sentimentos e frustrações de estar longe de sua terra, de sua cultura e de sua família. Nesse caso, Bouchard (2009) propõe a concepção de *nós de memória*, um contorno às recordações vergonhosas que se, inicialmente esquecidas, hoje predominam como forma de apropriação de um passado impuro. Ao ressignificar os vestígios da memória afrodescendente, os três romances analisados nesta pesquisa procuram reconstituir a identidade cultural que sofreu uma espécie de esmigalhamento na diáspora e no contexto escravagista, misturando a realidade à fantasia nos recortes e experiências de vida que permitem uma maior aproximação com a mãe África:

> O motivo de voltar ao passado é que no negreiro, na plantação e em outros lugares do sistema escravocrata originou a produção de epistemologias que violentaram os corpos,

> as mentes, as experiências e culturas africanas/afro-descendentes. Desta forma, o resgate de eventos e pessoas do passado na literatura afro-descendente das Américas deve ser visto enquanto quilombismo cultural que tenta estabelecer uma consonância cognitiva e identitária mediante a transformação da "não-história" esquizofrênica em memória coletiva sedimentada que explica as trilhas do passado que levam ao presente. (WALTER, 2008, s/p)

O espaço literário (escrito, regrado, formal) constitui-se como um lugar de memória e, como tal, é um espaço de manutenção da memória oral, que é tênue e pode sofrer mudanças. As lembranças traumáticas, por exemplo, suscitam a criação de mitologias de substituição para as memórias vergonhosas – os *nós de memória* – segundo Bouchard (2007). A África pode ser apresentada como uma realidade geográfica ou como espaço mítico – esse, visto pelos escravizados como o regresso ao seu lugar de origem, um *ex-tempo* no qual não existia a escravidão comercial. A construção de um passado "africano" generalizado (sem deter-se em etnias ou nacionalidades específicas), inclusive para os nascidos nas Américas, ocorre após o esquecimento (amnésia) do que significa ser *afro*, prefixo que somente começa a existir na medida em que os sujeitos – de diferentes povos, línguas e crenças – são reunidos e unificados por ações e agentes diversos por meio de uma massa "coisificada": termos como negro, escravo, raça inferior, não humano e todos os discursos que foram criados relacionados ao ser africano são constructos da cultura ocidental, baseada em uma relação histórica de poder sustentada pelas duas partes. O mito do retorno à África para os afrodescendentes é uma tentativa de anamnese – recuperação, reestabelecimento de uma memória construída com os rastros culturais dos antepassados. O *afro*, portanto, não é visto somente como um lugar simbólico, cultural, social e político onde são encontradas vozes múltiplas e de onde emergem realidades diferentes àquelas já conhecidas, mas também como um espaço de resistência, no qual o sujeito afro busca o reconhecimento de seu modo *diferente* de interpretar a realidade.

Nesse processo, as recordações das histórias individuais e coletivas e a análise dos atos de forma crítica transformam o espaço memorial em um lugar de conscientização: é necessário considerar que, conforme Maurice Halbwachs, a *mémoire collective*, as experiências mnemônicas, embora vividas individualmente, são coletivas na medida em que a experiência de outras pessoas participa desse encontro. Nas obras analisadas, a religiosidade, a utilização das plantas medicinais (ou fatais), a fuga dos escravizados *cimarrones* (fugitivos), toda essa memória coletiva afro passará pelas histórias individuais das protagonistas. Cada escritora procurou informações e, através dos vestígios encontrados, reconstruiu uma história individual para cada uma delas. A história de Jonatás, por exemplo, foi escrita a partir dos rastros oficiais e fictícios de Manuela Sáenz, essa sim uma

personagem analisada e estudada especialmente no âmbito dos estudos feministas; a história de Mariquita reconstrói-se a partir dos documentos oficiais que relatam o castigo da forca, a única acusação de pena de morte no Uruguai até os dias de hoje; e a personagem fictícia Zarité Sedella é imaginada no contexto da revolução dos escravizados do Haiti. As escritoras, portanto, reconstituem a memória longa das mulheres afrodescendentes:

> Na verdade o trabalho de coleta dos resíduos mnemônicos favorece também o resgate do ingrediente fundamental para a construção identitária que é a construção da memória longa. Nessa construção fica nítida a eleição da memória da linhagem materna que lhes legou seus saberes, seu imaginário e a espiritualidade de origem africana. É essa vertente oral, transmitida de geração em geração, através das rezas, da música, da culinária, do imaginário e de outros saberes, como o poder medicinal das plantas, que vai constituir os fundamentos da memória longa que será tecida paulatinamente no entre-lugar de lembrança e esquecimento, consciente e inconsciente, imaginação, memória voluntária e involuntária. (BERND, 2013, p. 140)

A seguir, serão apresentadas análises das obras das três autoras estudadas e se pensará de que forma seus escritos contribuem para a formação da literatura afrohispanoamericana.

2 O protagonismo da mulher negra em *La isla bajo el mar*

O acesso da mulher ao universo da historiografia é recente e a recuperação dos rastros da mulher afrodescendente escravizada torna-se uma marca importante nos dias atuais. Em *La isla bajo el mar*, Allende desenvolve uma voz narrativa onisciente em terceira pessoa, intercalada pela voz de Teté em primeira pessoa. Os capítulos “Así me lo contaron” e “Así lo recuerdo” que aparecem no texto em primeira pessoa apresentam uma memória individual que despontará em uma memória coletiva da escravidão, especialmente durante a revolução dos escravizados no Haiti e as emigrações posteriores por conta das consequências da revolução.

A voz de Teté e sua narrativa em primeira pessoa, por intermédio da reelaboração de imagens do passado proposta por Isabel Allende, divide-se em duas partes: “Así me lo contaron” ocupa-se das memórias relacionadas à religiosidade africana transportada ao Caribe, com foco no vodu e sua simbologia – a relação presente, atual, ativa, com os ancestrais, seres que já não habitam mais o mundo dos vivos, mas guiam os descendentes em suas mobilidades, além de destacar o espaço simbólico de uma ilha que se situa abaixo do mar, onde é possível o reencontro dos ancestrais com os vivos (que chegam até lá pela participação nos rituais vodu). Zarité tem o conhecimento da religião africana, e,

desde criança, participa das cerimônias vodu. Honoré, encarregado de iniciá-la nos valores culturais da religiosidade africana, constantemente fazia com que se lembrasse de suas origens e assumisse sua identidade guineana:

> Honoré siempre me hablaba de Guinea, de los loas, del vudú, y me advirtió que nunca acudiera a los dioses de los blancos, porque son nuestros enemigos. Me explicó que en la lengua de sus padres vudú quiere decir espíritu divino. Mi muñeca representaba a Erzuli, *loa* del amor y de la maternidad. (ALLENDE, 2010, p. 54)

A partir das lembranças de Teté com relação à religiosidade africana proferidas por Honoré, "Así lo recuerdo" trata da reconstrução do passado da protagonista a partir dos vestígios atormentados de sua vida de mulher escravizada. Os elementos culturais africanos vão sendo apresentados à medida que Teté absorve as novas regras sociais que terá que obedecer: a religião, o comportamento, a música, a medicina, além de seu papel de *negra* na sociedade. Ao conhecer a cultura branca (francesa), passa a compará-la à africana e, ao recordar sua infância, é capaz de afirmar que "Mi primer recuerdo de felicidad, cuando era una mocosa huesuda y desgreñada, es moverme al son de los tambores y ésa es también mi reciente felicidad" (ALLENDE, 2010, p. 9). A música, a dança e o som dos tambores serão, portanto, o fio condutor da narrativa desde suas lembranças de menina até o dia em que a protagonista está contando sua história, já com 40 anos. Com a morte da mãe, Honoré será o responsável por repassar os valores da cultura ancestral africana, o som dos tambores e os serviços vodu, uma das mais importantes marcas culturais afroamericanas. Ao aprender com seus ancestrais que "el esclavo que baila es libre... mientras baila" (ALLENDE, 2010, p. 11), Teté demonstra possuir um sentimento de liberdade, embora esteja escravizada. Ao afirmar "Yo he bailado siempre" (ALLENDE, 2010, p. 11), percebe-se que sempre se sentiu livre já que nunca abandonou sua ancestralidade africana: "Assim, podemos afirmar que é graças aos vestígios memoriais da cultura oral que a personagem encontra forças para sobreviver ao jugo escravista e também para recompor pouco a pouco sua identidade de liberta" (BERND, 2013, p. 8).

As lembranças carregadas por Teté relacionadas à religiosidade nos levam ao contexto histórico da revolução dos escravizados do Haiti: uma revolução que se concretiza a partir de uma crença da população negra em um ser mitológico chamado Mackandal, cuja atuação mítica foi/é tão poderosa que a personagem está viva até hoje no imaginário haitiano, além de ser o exemplo principal da teoria do *real maravilloso* desenvolvida por Alejo Carpentier no prólogo de *O reino deste mundo* (1949). Responsável pelo envenenamento de senhores de escravizados (registrado em documentos oficiais de

Saint-Domingue em 1727), o fato foi considerado como bruxaria, já que para a sociedade da época, a única explicação racional para a disseminação do veneno seria com o uso de poderes sobrenaturais. Seduzidos pelo *maravilloso* americano, as autoridades francesas não resistem à tomada de poder, em 1791, pelos escravizados que tornam independente o segundo país das Américas (depois dos EUA) e fundam a República Negra do Haiti que, para Aguirre (2005), apresentou um caráter radicalmente revolucionário, pois se tratava da construção de um espaço no qual todos fossem considerados cidadãos, independentemente da cor da pele, uma novidade no mundo moderno daqueles tempos, inclusive na África.

Os negros do Novo Mundo colocaram em xeque a exploração dos seres humanos e, consequentemente, todo um sistema mental e até filosófico que guiava os intelectuais da época – de que a população negra estaria condenada a servir aos brancos e que a escravidão das pessoas "de cor" era natural, sancionada pelos costumes, pela lei e pela religião. No entanto, chama a atenção que o país seja hoje um dos mais pobres do mundo e, após sua independência, não tenha sido considerado pelas grandes potências que lhe viraram as costas, deixando-o afundar-se em corrupção e pobreza de sua população como se fosse um castigo por sua petulância em desejar uma república onde todos tivessem a mesma igualdade de direitos. A narrativa de *La isla bajo el mar* resgata, portanto, a memória coletiva de sujeitos silenciados e a autora reescreve a história através da enunciação de uma mulher escravizada. A proposta de Allende de voltar o olhar para o passado como uma história inacabada é ressignificada pelo leitor do presente: ao deixar o futuro de Teté incerto, o leitor compreende melhor os fatos ocorridos durante a época da escravidão e, assim, fica condicionado a construir o futuro da mulher afrodescendente nas Américas.

3 A narrativa da mulher negra em *Las esclavas del rincón*

Em *Las esclavas del rincón*, o relato transcorre em um tempo não linear**,** que começa com o crime e, a partir dos depoimentos dos envolvidos, leva a narrativa à condenação das escravizadas. Está formado pelo prólogo mais cinco partes; entre a segunda e a terceira, há um capítulo denominado *Reconstrucciones*, que apresenta as memórias da vítima. A voz de Mariquita, calada até a terceira parte, aparece em primeira pessoa e está representada não pela oralidade e sim pela escrita: Mariquita somente consegue externalizar seus sentimentos por intermédio da palavra escrita. Como o advogado Lucas Obes não consegue conversar com ela, fornece dois cadernos para que escreva suas lembranças

do dia do crime e qualquer informação a mais que queira comentar. A obra literária permite ao leitor que se aprofunde no sentimento de Mariquita, que se conheça seu ponto de vista sobre o crime:

> Yo no supe el verdadero significado de la esclavitud hasta que conocí a la condesa de Alfonso y comprendí que las personas malas pueden cambiar nuestro destino, con el tiempo, entendí algo mucho peor, que ellas son capaces de despertar lo peor que llevamos dentro de nosotros y que de no haberlas conocido no habríamos descubierto. (CABRERA, 2001, p. 169)

Será com Encarnación, sua cúmplice, que Mariquita manifestará seus costumes religiosos nestas terras longínquas. É possível afirmar que esse é um dos dois momentos da narrativa no qual os elementos da cultura africana estarão presentes, porém serão abordados de forma bastante superficial. Personagem responsável pela aproximação às tradições africanas, já que protege os fetiches utilizados nos cultos e é a única negra que mantém ligação com a África, acredita na mítica de que a morte de Celedonia foi ocasionada porque, na noite anterior, a ama acessou o quarto dos escravizados, "burlou" as crenças e rompeu os fetiches do ritual realizado por eles; atitude que, segundo a tradição africana, é uma falta gravíssima, pois:

> Os ofícios artesanais tradicionais são os grandes vetores da tradição oral. Na sociedade tradicional africana, as atividades humanas possuíam frequentemente um caráter sagrado ou oculto, principalmente as atividades que consistiam em agir sobre a matéria e transformá-la, uma vez que tudo é considerado vivo. Toda função artesanal estava ligada a um conhecimento esotérico transmitido de geração a geração e que tinha sua origem em uma revelação inicial. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 185)

O outro momento no qual a religiosidade aparece é no interrogatório com Encarnación recebendo o direito da palavra, quando pode contar a história de sua família, resgatar sua memória e as histórias de seus antepassados. Como o pai de seu bisavô havia sido um curandeiro, feiticeiro e também mago das chuvas, na África sua família era rica em rebanhos presenteados por aqueles que precisavam de seus serviços. Ela carregava consigo as pedras de chuva que haviam pertencido a seus antepassados e estava com elas guardadas na pequena estátua que a ama havia destruído; naquela noite, a intenção era realizar um ritual para que chovesse. Os lugares de memória dos negros, infelizmente, poderiam ser destruídos a qualquer momento, segundo o desejo dos brancos e isso acontecia com frequência; a única coisa que não puderam destruir foi a memória individual e coletiva que acabou sendo transmitida pelas gerações:

> Nosotros los esclavos tenemos creencias, mis bisabuelos vinieron con los primeros cargamientos de esclavos, llegaron de África y no murieron a pesar de la epidemia,

> nosotros tenemos la orden de contar nuestra historia, mis abuelos lo hicieron y yo se la hice conocer a mis hijos, esa noche nos reunimos en el sótano para conjurar contra el eclipse que auguraba muerte pero el conjuro no se terminó de cumplir, el ama llegó a la habitación y nos hizo arodillar desnudos, tiritando de frío, fue extraño, sólo nos pegó tres latigazos a cada uno pero nos castigó con algo mucho más doloroso, rompió una a una las velas y todas las estatuillas incluyendo la más importante, el mago de las lluvias. (CABRERA, 2001, p. 66)

O tema da religiosidade, da forma superficial como se apresenta na narrativa, é um reflexo de como se percebe a cultura afrouruguaia no país. No Uruguai, as religiões de fundamento nas culturas africanas são denominadas popularmente *afrobrasileras*, dado que nos faz considerar que o processo de ingresso dessas religiões ao país tenha sido a partir do Brasil e não uma manifestação que tenha permanecido desde os tempos de escravidão na região. Os responsáveis por conduzir a população afro são chamados de *Mae* e *Pae* (um empréstimo da língua portuguesa). As organizações sociais atuais, as festas de Carnaval e das *Llamadas* fazem com que seja preservada a *memória coletiva* dos povos africanos, embora sempre tenha pesado sobre ela, por parte de todos os grupos humanos, a pretensão do controle e a manipulação. Os processos transculturais pelos quais os elementos africanos passaram já apresentam uma manifestação diferente, híbrida, transformada, inclusive de forma elitizada e exótica direcionada a uma apresentação turística do país.

Os uruguaios contam com uma articulação importante devido à *Casa de la Cultura Afrouruguaya*, espaço de trocas culturais em que se pode pesquisar sobre a formação dos *conventillos* e o desenvolvimento do candombe que, se antes continha um significado religioso, hoje está descolado deste e apresenta-se em desfiles de tambores pelas ruas de Montevidéu, principalmente (LOPES, 2004). *Las esclavas del rincón* é um livro que está a disposição na biblioteca do lugar e é sugerido como leitura para que se saiba mais sobre a época escravista no país. É necessário comentar que, no título da obra, o lugar onde se encontram as escravizadas e a narrativa – o *rincón*, definido pela RAE como um esconderijo ou lugar retirado; espaço pequeno; resíduo de algo que está em um lugar distante da vista – Cabrera refere-se tanto ao pequeno país que se encontra entre os dois gigantes latino-americanos Argentina e Brasil, além de fixar o lugar do negro que sempre esteve ali, mas permanece escondido e afastado da vista da nação uruguaia.

O romance histórico no Uruguai desenvolve-se, praticamente, após o período da ditadura (1973-1985) e talvez, por esse motivo, a narrativa de Susana Cabrera ainda apresente características das novelas escravistas do século XIX que chamavam a atenção para os horrores da escravidão como

forma de denúncia do desrespeito ao ser humano. O destaque da violência e dos castigos sobrepõe-se ao debate sobre a escravidão que, curiosamente, encontra eco na voz do advogado de defesa das escravizadas, Lucas Obes, proprietário de navios negreiros. As personagens pouco se envolvem com o contexto histórico e com os elementos míticos africanos; no entanto, as várias visões sobre o crime, relatado em documentos oficiais, eximem a culpa das protagonistas e Cabrera, ao permitir que Mariquita conte a sua versão dos fatos em primeira pessoa, proporciona ao leitor uma nova possibilidade de conhecer os motivos que levaram ao crime ocorrido no século XIX.

4 A voz da mulher negra em *Jonatás y Manuela*

Já em *Jonatás y Manuela*, partindo da história 'oficial' de Manuela Sáenz, Luz Argentina Chiriboga recolhe os rastros da escravizada Jonatás nos documentos históricos, adjuntos aos diários da companheira do Libertador Simón Bolívar, e dá à negra um registro escrito de sua vida, uma possível trajetória unindo os fragmentos de uma identidade destroçada com as violências do tráfico e da escravidão, mas reconstruída com as histórias passadas através de gerações pela família da escritora, cuja bagagem cultural afroamericana comporá seu trabalho de memória imaginada. Trata-se, portanto, de uma narrativa sobre mulheres, sobre duas mulheres com representação histórica significativa, na qual o leitor pode adentrar na psicologia das duas, cujos medos e angústias são semelhantes. Das três escritoras analisadas, é a única negra e, além disso, a única que não apresenta sua protagonista em primeira pessoa, fato que poderia ocorrer pela projeção de um passado familiar rememorado no texto ficcional. Chiriboga busca em seus próprios arquivos sentimentais as recordações, mitologias, experiências e lendas cujo objetivo é o registro de narrativas da tradição oral, pois o destino da família está em suas mãos de mulher negra escritora.

A obra está dividida em 13 capítulos aos quais podemos dividir em duas partes: do capítulo I ao VI, o narrador onisciente apresenta a vida de Ba-Lunda desde sua captura na África até a sua morte na América. O capítulo VII é uma espécie de transição da geração de Ba-Lunda à de Nasakó Zansi/Jonatás, sua neta; inicia com um poema sobre a venda dos escravizados na fazenda que vivia Nasakó/Juana Carabalí (filha de Ba-Lunda e mãe de Jonatás) e segue com a narrativa em prosa descrevendo sua transformação ao incorporar os costumes dos brancos após se casar com um negro traficante de escravizados e ao escravizar mulheres negras: "(...) colaboraban tres libertas a las que pagaba solo com la alimentación." (CHIRIBOGA, 1994, p. 84). Pouca ênfase se dá à Nasakó/Juana

Carabalí já que ela incorpora-se à mestiçagem de forma negativa, isto é, sofrendo um processo de aculturação e aceitando a escravidão de seu povo. A segunda parte, do capítulo VIII ao XIII, contará a trajetória de Nasakó Zansi/Jonatás, desde sua compra pelo pai de Manuela Saenz até o momento de se incorporar ao exército bolivariano na Batalha de Pichincha em 1822.

Jonatás passa a narrativa à procura de sua mãe. Depois de ser vendida em um leilão, em praça pública, e levada pelo pai de Manuela, Nasakó/Juana Carabalí vai para as montanhas com os *cimarrones* e perde o contato com sua filha. Jonatás sabe que não será fácil encontrá-la, ainda mais por haver tido seu nome africano substituído, prática comum nos países americanos que batizavam os escravizados logo na sua chegada e davam-lhes um nome cristão, o que impediu o reencontro de muitas famílias africanas; um exemplo mais de tentativa de apagamento da identidade negra. Ainda criança, Jonatás tem consciência de que a imposição do nome cristão dificultará o reencontro com seus pais: "Jonatás, Jonatás, así mis padres nunca me encontrarán. Nasakó, ahora Jonatás, ¿con qué nombre terminaré la vida?" (CHIRIBOGA, 1994, p. 74).

Mesmo com a perda do nome, Jonatás sentia "bullir los demonios en su piel" (CHIRIBOGA, 1994, p. 101) pois, sem aceitar nunca a condição de escravizada, questiona os dogmas da escravidão: as interrogações de Jonatás demonstram que, diferentemente do pensamento imperialista de aceitação e dominação europeia, nem todos os escravizados aceitavam permanecer nesta condição. Ao entrar pela primeira vez na casa de Manuela, a menina de 9 anos reconhece aromas que ela, fisicamente, nunca havia sentido, mas que lhe resgatam uma memória distante, ancestral: "Al abrir la puerta y percibir um penetrante olor de nardos, Jonatás se preguntó por qué esa fragrancia la transportaba a un tiempo que no podía determinar" (CHIRIBOGA, 1994, p. 97). Devemos lembrar que a casa de Ba-Lunda e Jabí (seus avós) desprendia o aroma dos nardos, responsáveis pela lembrança de Jonatás que a levaria às suas origens. A memória desconhecida a desconcerta:

> Avanzó tres pasos en la sala; el olor se acentuó, no pudo continuar, fue como si entrara al dormitorio de sus abuelos; esa fragancia la obligó a caminar en puntillas sobre un piso de olvidados recuerdos; pero qué recuerdos podría tener si su madre llegó siendo niña. ¿Por qué ese olor me pone en brazos de mis abuelos?, se inquirió varias veces. La memoria solía jugarle a las escondidas. No sabía y el no saberlo la saturaba de nostalgias. (CHIRIBOGA, 1994, p. 97)

Na construção memorial de Chiriboga, a cozinha é apresentada tanto como um espaço de recordações quanto de esquecimentos. A cozinheira Mercedes já havia manifestado seu desejo de

permanecer com o pai de Manuela até a morte e, ao lembrar-se de seu verdadeiro nome – Cutara – não tem outro gesto senão o de abaixar a cabeça, como se tivesse vergonha de um passado que não representa mais nada para ela. O trauma da captura um dia antes do casamento de sua filha, a violação sofrida e a perda da dignidade foram demais para a mulher: "Ante la imposibilidad de retornar a su tierra y obtener libertad, se resignó a seguir los preceptos cristianos, obedecer y servir con amor a sus patrones" (CHIRIBOGA, 1994, p. 101). Na construção das frases que seguem a narrativa os verbos utilizados são "esqueceu", "foram apagados", "se acostumou"; "Todas sus ilusiones de adolescente se alejaron, la vida las había vuelto irreales, la vida la había dejado sin memoria" (CHIRIBOGA, 1994, p. 102). Sua forma de resistir às violências da escravidão foi resignar-se, sem choros nem esperanças, sem ódios e sem vinganças. "La vida va pa delante. Después, habló: a los jóvenes les toca luchar, yo estoy bien como esclava" (CHIRIBOGA, 1994, p. 102). Mercedes/Cutara é a exemplificação dos escravizados aos quais a resiliência fez com que aceitassem sua condição e tentassem viver da melhor forma possível: "Olvidados de la travesía, de las carícias de sus padres, del rostro de su África, vivían desmemoriados por completo de su vida anterior" (CHIRIBOGA, 1994, p. 104).

O protagonismo da mulher negra está apresentado no título. Chiriboga reconstrói o passado de duas mulheres importantes nas lutas revolucionárias que culminariam na independência de vários países e, no título, Jonatás aparece em primeiro lugar, evidenciando a marca da afroamericanidade por meio da participação dessa mulher na vida da 'famosa' Manuela Saenz. Localizando-se estrategicamente do lado oposto das literaturas nacionalistas do século XIX forjadoras de identidades homogêneas, expõe a complexidade cultural latino-americana desde a representação subjugada e subversiva da escravizada, explorando a participação da mulher negra como sujeito ativo na construção cultural da América colonial.

Segundo a *Enciclopedia del Ecuador*, a escravidão neste país inicia em 1534, juntamente com a conquista destes territórios. Cerca de 20% de todos os escravizados que ingressaram pelo porto de Cartagena de Índias, durante o século XVIII, seriam levados a Quito. Klein & Vinson III (2008) colocam Quito entre as grandes sociedades escravocratas das Américas e argumentam que foi um dos lugares onde a escravidão africana afetou de maneira fundamental as hierarquias sociais e as relações sócio-políticas. Os primeiros negros, que eram levados em direção a Lima, tiveram que permanecer na região por conta de um naufrágio na costa. Entre os séculos XVII e XVIII, esses negros organizaram suas próprias comunidades à margem dos indígenas e dos colonizadores, acabando por

libertarem-se por conta própria. Instalaram-se na região e, posteriormente, iniciaram um processo de migração a outras regiões do país. Conforme dados da *Enciclopedia del Saber Afroecuatoriano*, por fins de 1500 e começos de 1600 os negros *cimarrones* dominavam e controlavam quase todo o território da província de Esmeraldas conseguindo, inclusive, o reconhecimento das autoridades coloniais[5].

A aceitação do negro equatoriano como componente integral do contexto nacional foi, na melhor das hipóteses, um "simulacro", conforme Handelsman (2001): pelo fato de haver ocorrido uma inversão do processo tradicional de escravidão e os negros chegarem "livres" quando escapam do naufrágio e fundam sua comunidade, liderarem-na e manterem boas relações com os colonizadores, pode parecer que o negro teria uma condição diferente das outras regiões da América hispânica. Como no Brasil, há um paradoxo no Equador: ao mesmo tempo em que se diz que não existe racismo, percebe-se que grande parte das pessoas negras ainda vive em situação de marginalidade e que não são representadas em sua totalidade na sociedade: "En vez de una integración, se ha producido el aislamiento del afroecuatoriano, encerrándolo en un espacio geocultural todavía distante de un centro nacional considerado andino y/o blanco mestizo" (HANDELSMAN, 2001, p. 21).

Considerações finais

Para Bernd (2013), existe uma tendência das escritoras das Américas de reescrever a(s) história(s) da escravidão a partir da perspectiva feminina[6]. Os intervalos, as lacunas de uma memória esburacada são preenchidas pela imaginação e sensibilidade femininas. A reconstrução da história a partir dos rastros, das marcas, dos vestígios memoriais demonstra que houve silenciamento, mas jamais esquecimento total dos fatos, mesmo que traumáticos, como as violências da sociedade escravocrata. Muitas mulheres negras procuram nas histórias de suas avós (contadas pelas avós das avós) como era a vida na escravidão e, a partir destas construções mentais, produzem textos carregados de memórias familiares.

[5] No século XIX, houve outra grande imigração no Equador durante a construção da linha do trem Durán-Quito com negros vindo da Jamaica que, após o término do trabalho, permaneceram no país, aumentando ainda mais a população negra. Luz Argentina Chiriboga publicou, em 2010, o romance *La nariz del diablo*, que reconta a história dessa grande imigração. O Equador veria, novamente, séquitos de negros chegando em barcos para trabalhar em situações de pobreza e miséria, praticamente uma escravidão institucionalizada.

[6] Somente no âmbito do romance latino-americano, podemos citar a cubana Teresa Cárdenas, a porto-riquenha Mayra Santos Febres, a peruana Lucía Charun-Illescas, a argentina Mirtha Fachini, as brasileiras Maria Firmina dos Reis e Ana Maria Gonçalves, entre outras escritoras dos demais gêneros literários.

As três protagonistas analisadas na pesquisa representam a primeira geração de mulheres afrodescendentes nascidas nas Américas. São três propostas diferentes: Isabel Allende, escritora feminista reconhecida mundialmente, escreve sobre a revolução dos escravizados no Haiti dando a voz a uma protagonista fictícia, Zarité Sedella, permitindo que a escravizada constitua-se como sujeito de sua própria história por intermédio do ato da rememoração; a protagonista Jonatás apropria-se do conhecimento ancestral da avó para formar sua personalidade de mulher afroequatoriana, traduzida na resistência e na luta pela independência do país. Por outro lado, a narrativa de Cabrera distingue-se das demais porque apresenta ainda características dos romances escravistas do século XIX que destacavam as violências da escravidão como forma de denúncia das barbaridades permitidas pela sociedade escravocrata. No entanto, as várias visões sobre o crime que constam nos documentos oficiais eximem a culpa apenas das escravizadas e, ao dar a voz a Mariquita, que fala em primeira pessoa, Cabrera destaca a importância da participação negra feminina no romance histórico uruguaio.

Dessa forma, as três escritoras responsáveis pelos romances analisados são mediadoras do transcultural pois, ao assumir uma memória afroamericana, recompõem o passado da mulher negra a partir dos rastros, resgatando os vestígios memoriais da escravidão a partir de um ponto de vista feminino, proporcionando uma memória longa para a história curta dessas mulheres. Isabel Allende e Susana Cabrera, mulheres brancas, responsabilizam-se pelo compromisso de apresentar a(s) história(s) da escravidão evidenciando a necessidade da narração pela mulher negra que fala em primeira pessoa; já Argentina Chiriboga, mulher afrodescendente e comprometida com os movimentos étnicos e sociais, projeta no texto literário um passado familiar rememorado. As três escritoras, portanto, ressignificam o presente em função de um passado de perdas e violências, provando a necessidade da narração de tais fatos como forma de exorcizar os traumas e projetar um futuro ainda com cicatrizes impossíveis de serem apagadas, mas já sem feridas latejantes e sem dores físicas. Por isso, é possível afirmar que o romance afrohispanoamericano é um gênero transculturado, pois adere a oralidade ao texto escrito, apresentando os mitos e os cantos africanos já incorporados às narrativas ocidentais. A cultura africana agrega-se à ocidental e ameríndia formando narrativas transculturadas que incorporam as vozes dos povos com tradicão oral à escritura ocidental. São textos transculturados que reconduzem a forma de pensar os fatos históricos aqui discutidos – revolução haitiana, independência do Equador e condenação à pena de morte na Província Cisplatina – de forma a fazer com que o leitor regresse ao passado e compreenda melhor as situações de racismo e preconceito que, infelizmente, permanecem até hoje.

REFERÊNCIAS

Corpus

ALLENDE, Isabel. Isabel. **La isla bajo el mar**. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

CABRERA, Susana. **Las esclavas del rincón**. Montevideo: Editorial Fin de Siglo, 2001.

CHIRIBOGA, Luz Argentina. **Jonatás y Manuela.** Quito: Casa de la Cultura Ecuatoriana Benjamín Carrión, 1994.

Teórico-crítica

AGUIRRE, Carlos. Silencios y ecos: La historia y el legado de la abolición de la esclavitud en Haití y Perú. **Revista A Contracorriente**, v.3, n.1, p. 3-37, 2005.
Disponível em: <http://acontracorriente.chass.ncsu.edu/index.php/acontracorriente/article/view/126/252#.UwC0vvlnX0p>. Acesso em: 13 fev. 2014.

ALVES, Alcione. Mulheres deixam traços nas águas? In: BERND, Zilá (Org.). **Revista Organon.** Romance Memorial. Porto Alegre, v. 29, n. 57, p. 77-98, 2014.

BERND, Zilá. Da palavra sequestrada à formatação dos rastros: a reconstrução do universo da escravidão do ponto de vista de três escritoras das Américas. In: **Por uma estética dos vestígios memoriais**: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 129-144.

BERND, Zilá. Vestígios memoriais: fecundando a literatura das Américas. **Conexão Letras**. História, linguística e literatura. Porto Alegre: UFRGS, v. 6, n. 6, p. 9-15, 2011.
BOUCHARD, Gérard. Jogos e nós de memória: a invenção da memória longa nas nações do Novo Mundo. Tradução de Zilá Bernd. In: LOPES, Cícero G. et al. **Memória e cultura**; perspectivas transdisciplinares. Canoas: Selles/Unilasalle, p. 9-38, 2009.

BOUCHARD, Gérard. Le mythe: essai de définition. In: BOUCHARD, Gérard; ANDRÈS, Bernard (Orgs.). **Mythes et sociétés des Amériques**. Montréal: Québec/Amérique, 2007. p. 409-426.

CARPENTIER, Alejo. **El reino de este mundo**. Prólogo. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

Enciclopedia del saber Afroecuatoriano. Vicariato Apostólico de Esmeraldas e IFA – Centro Cultural Afroecuatoriano. Quito: Graficas Iberia, 2008.
Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/98678403/ENCICLOPEDIA-DEL-SABER-AFROECUATORIANO>. Acesso em: 04 jan. 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HANDELSMAN, Michael. **Lo afro y la plurinacionalidad**. El caso ecuatoriano visto desde su literatura. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2001.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: *História geral da África*. v. I: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. Brasília: UNESCO/Secad/MEC/UFSCar, 2010. Disponível em: <unesdoc.unesco.org/images/0019/190249POR.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2015.

KLEIN, Herbert S. & VINSON III, Bem. **La esclavitud africana en América Latina y el Caribe.** Tradução de Graciela Sylvestre Sánchez Albornoz. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2008.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

QUEIROZ, Amarino O. de. Sob a árvore das palavras: oralidade, escrita e memória nas literaturas de língua portuguesa. In: **Intersemiose**. Revista Digital. p.30-37, Jun/Dic 2012.

SILVA, Liliam R. **Recordar para (re)contar:** representaciones de la protagonista negra en tres novelas históricas hispanoamericanas. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPG/Letras/UFRGS. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/134132>. Acesso em: 30 nov. 2016.

WALTER, Roland. Tecendo identidade, tecendo cultura: os fios da memória na literatura afrodescendente das Américas. In: **Anais XI Congresso Internacional da ABRALIC**. Tessituras, Interações, Convergências. 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/download/anaiseventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/078/ROLAND_WALTER.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2015.

[Recebido: 20 out. 2016 – Aceito: 21 dez. 2016]